

# SALUTOGENIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ENSAIO PARA DEBATER A SAÚDE AMPLIADA

DR. VICTOR JOSÉ MACHADO DE OLIVEIRA

Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES  
Professor da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da  
Universidade Federal do Amazonas – FEEF/UFAM  
Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da  
Universidade Federal do Amazonas – PPGE/UFAM

DR. CRISTIANO MEZZAROBA

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC  
Professor do Departamento de Educação Física da Universidade  
Federal de Sergipe – DEF/UFS  
Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/UFS

**Resumo** | Neste ensaio tematizamos a salutogenia (ou salutogênese), uma nova compreensão em relação às formas de se pensar, planejar e trabalhar com a dimensão da saúde no contexto da Educação Física (EF) escolar. Cunhada pelo sociólogo norte-americano Aaron Antonovsky, a salutogenia se refere às formas como os sujeitos resistem aos fatores estressores e cotidianamente lidam com mecanismos (físicos, sociais, estruturais, psicológicos, comportamentais etc.) a ponto de convertê-los em fatores de proteção, manutenção e geração de saúde. Identificamos quatro textos na literatura da EF brasileira na primeira década dos anos 2000 que dão início a essa abordagem, e a partir deles, apontamos possibilidades de compreensão e usos da referida perspectiva na EF escolar.

**Palavras-chave** | Salutogenia; Salutogênese; Educação física escolar.

## SALUTOGENESIS IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: AN ESSAY TO DEBATE EXPANDED HEALTH

**Abstract** | In this essay we thematized salutogeny (or salutogenesis), a new understanding in relation to ways of thinking, planning and working with

the health dimension in the context of school Physical Education (PE). Coined by the American sociologist Aaron Antonovsky, salutogenesis refers to the ways in which subjects resist to stressors and daily deal with (physical, social, structural, psychological, behavioral etc.) mechanisms to the point of converting them into protective, maintenance and health generating factors. We identified four texts in the Brazilian PE literature in the first decade of the 2000s that initiate this approach, and from them, we point out possibilities of comprehension and possible uses of this perspective in school PE.

**Keywords** | Salutogeny; Salutogenesis; School physical education.

## **SALUTOGENESIS EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: UN ENSAYO PARA DEBATEAR A SALUD AMPLIADA**

**Resumen** | En este ensayo nos enfocamos en la salutogenesis (o salutogenidad), una nueva comprensión en relación a las formas de pensar, planificar y trabajar con la dimensión de la salud en el contexto de la Educación Física (EF) escolar. Acuñada por el sociólogo estadounidense Aaron Antonovsky, la salutogenesis se refiere a las formas en que los sujetos resisten a los factores estresantes y afrontan a diario con los mecanismos (físicos, sociales, estructurales, psicológicos, conductuales, etc.) hasta el punto de convertirlos en factores de protección, mantenimiento y generación de salud. Identificamos cuatro textos en la literatura brasileña sobre EF en la primera década de los años 2000 que iniciaron este enfoque y, a partir de ellos, señalamos posibilidades para comprender y utilizar esta perspectiva en la EF escolar.

**Palabras clave** | Salutogenesis; Salutogenidad; Educación física escolar.

## **INTRODUÇÃO**

Estudos na área da Educação Física (EF) destacam sua origem no Brasil (século XIX) materializada como ginástica nas escolas, apoiada por médicos e militares (GÓIS JÚNIOR, 2013). Isso repercute ainda hoje, século XXI, na legitimação do componente curricular a partir da dimensão da saúde e do esporte, sustentada pela hegemonia do paradigma das Ciências Naturais e Biológicas.

Na década de 1980 o Movimento Renovador da EF (MREF) brasileira (BRACHT; GONZÁLEZ, 2014) vai tensionar e/ou romper com tais paradigmas. Assim, emergem possibilidades a partir das Ciências

Humanas e Sociais, o que complexifica e amplia as possibilidades pedagógicas para além de uma perspectiva higiênica ou do conteúdo restrito ao esporte. Ampliam-se os conteúdos para a EF escolar: brincadeiras, jogos, esportes, danças, lutas, capoeira, ginásticas, atividades circenses, atividades de aventura etc.

No entanto, três décadas após o MREF estudos apontam que ainda nos encontramos entre o “não mais” (a tradição e hegemonia) e o “ainda não” (da emergência/efetivação de práticas pedagógicas críticas) (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009; 2010). Isso também se aplica em relação ao tema da saúde na EF escolar. Oliveira, Gomes e Bracht (2014) apontam que não basta apenas alçar a crítica às concepções restritas de saúde, se as práticas do chão da escola não acompanharem o processo de crítica e ampliação da saúde.

Alinhados a esse processo, vemos autores caminhando paralelamente e em conjunto com a Saúde Coletiva. São autores como Bagrichevsky, Palma e Estevão (2003; 2006; 2007), Carvalho (2009), Fraga e Wachs (2007), entre outros. Embora em menor número, constituem um grupo de agentes no campo da EF brasileira que têm se dedicado a produzir, debater e lutar por outras possibilidades, seja no contexto escolar ou fora dele, tematizando saúde numa dimensão mais ampliada. Ou seja, uma perspectiva de EF escolar que não se baseia exclusivamente na dimensão biológica/biomédica em relação ao corpo, mas que se alinha a uma perspectiva que também considera o lugar social, histórico, social e cultural dos sujeitos participantes das aulas, com seus modos e condições de vida.

Buscando contribuir e compor esse movimento, abordamos nesse texto o termo/conceito **salutogenia** ou **salutogênese**. Resumidamente, pode-se dizer que significa pensar como a saúde é produzida e/ou como se gera a saúde.

Com propositura semelhante à de Oliveira, Gomes e Bracht (2014), apresentaremos a salutogênese como modelo alternativo para avançar no trato do tema da saúde na EF escolar. Observamos, inicialmente, que

o tema ainda é pouco utilizado na EF brasileira<sup>1</sup>. Temos que a maior contribuição no Brasil em relação à salutogênese na EF se encontram em obras publicadas em quatro capítulos de livros (TAFFAREL, 2010; KUNZ, 2007; BRODTMANN, 2006; OLIVEIRA, 2004), textos estes que são conhecidos dos autores e que em vários momentos são abordados, não em seu conjunto, nas disciplinas que atuam.

Objetivamos com esse ensaio analisar as possibilidades de trato do tema da saúde na EF escolar a partir da salutogênese. Organizamos o ensaio da seguinte maneira: apresentamos compreensões quanto aos termos salutogênese/salutogenia, publicizados em língua portuguesa, para, em seguida, tratar das possibilidades da salutogenia na EF escolar.

## **COMPREENSÕES QUANTO AO TERMO SALUTOGÊNESE/SALUTOGENIA**

Primeiramente, salutogênese é um conceito cunhado pelo sociólogo norte-americano Aaron Antonovsky (1923-1994). Antonovsky mudou-se para Israel em 1960 e foi a partir daí que se colocou no caminho da Sociologia Médica, assim, incluindo elementos socioculturais em pesquisas que participou (VINJE; LANGELAND; BULL, 2017). Ele desenvolveu a salutogênese a partir de duas principais obras: *Health, Stress and Coping* – 1979; e *Unraveling the Mystery of Health* – 1987 (TAFFAREL, 2010).

Salutogênese deriva de dois termos: *salus* (do latim: invencibilidade, bem-estar, alegria) e *gênese* (do grego: origem), ou seja, como se origina e se produzem aspectos relacionados à saúde humana. Antonovsky estava interessado em compreender por que as pessoas, apesar das tensões e problemas externos, permanecem saudáveis ou conseguem se recuperar das doenças. Com esse conceito, ele realiza uma virada epistemológica nas Ciências da Saúde (OLIVEIRA, 2004).

Antonovsky concentrou seus esforços a partir do senso de coerência (SdC), o qual considerou conceito-chave do modelo salutogênico (MIT-TELMARK; BAUER, 2017). Oliveira (2004) apresenta a concepção do SdC conforme sinalizado por Antonovsky:

---

1. Fizemos um levantamento preliminar em dez revistas da EF no Brasil. E atualmente, estamos conduzindo uma revisão de escopo para um mapeamento mais sistematizado.

Tem-se por Senso de Coerência uma orientação global que expressa a extensão na qual se tem um profundo e duradouro, embora dinâmico, sentimento de confiança de que (1) os estímulos que derivam de ambientes internos e externos de alguém, no curso da vida, são estruturados, previsíveis e explicáveis; (2) os recursos estão disponíveis para alguém encontrar as demandas apresentadas por estes estímulos; e (3) estas demandas são desafios nos quais vale a pena investir e empenhar-se. (OLIVEIRA, 2004, p. 244-45)

O SdC aponta para as formas como as pessoas percebem a vida como compreensível, administrável e significativa, o que se mostra propício para a saúde (MITTELMARK; BAUER, 2017). A constituição do SdC depende de três elementos: 1) a compreensibilidade que se forma a partir de experiências consistentes que podem ser classificadas, categorizadas e estruturadas, permitindo uma estabilidade do sujeito; 2) a maleabilidade que se forma pelo equilíbrio da experiência cotidiana de forma a evitar sobrecarga e tensões; 3) e a significância que é formada pelo estímulo de que é possível ter influência na formação das situações, podendo ser pensada também em relação ao sentido de vida (OLIVEIRA, 2004).

Outro fator importante é que, mesmo sem uma idade pré-estabelecida, o SdC é construído entre a infância e juventude chegando a uma estabilidade por volta dos 30 anos de idade. Sua estruturação depende do maior número de experiências positivas acumuladas pelo sujeito. Quanto maior o sucesso frente aos elementos estressores da vida, maior sentimento de confiança será adquirido (OLIVEIRA, 2004).

Mittelmark e Bauer (2017) e Oliveira (2004) apontarão que as circunstâncias da sociedade definirão um SdC forte ou fraco, sendo que o contexto cultural e histórico é gerador de elementos estressores e recursos de resistência. Um forte SdC é desenvolvido quando há recursos de resistência disponíveis e repetição de experiências positivas em conjunto com o equilíbrio entre sobrecarga e alívio. Também, devemos considerar que um forte SdC não exclui a possibilidade de a pessoa vivenciar experiências negativas (imprevistos ou incertezas). Logo, a questão se encontra no “[...] equilíbrio entre consistência e surpresa, entre eventos recompensadores (benéficos) e frustrantes” (OLIVEIRA, 2004, p. 246).

O SdC dependerá da disponibilidade de recursos de resistência que serão ativados ou não a depender das condições estruturais, das relações sociais e características individuais (TAFFAREL, 2010). Esses recursos são considerados fatores de proteção frente aos fatores estressores da vida (BRODTMANN, 2006). Taffarel (2010) lista três desses recursos: 1) sentido da vida: vinculado à visão de mundo e aquilo que fortalece a vontade de viver e o otimismo; 2) autoestima: que diz respeito à construção da subjetividade humana e internalização de valores; 3) assistência social: que diz respeito à convivência humana e o reconhecimento social.

Um ponto decisivo para a saúde se encontra em saber se a pessoa é capaz de mobilizar os recursos disponíveis para manter o equilíbrio. E, ainda mais, compreender que esse processo não depende apenas do indivíduo, mas na certeza de poder “[...] contar com o apoio de outros e de estar amparado por uma rede social” (BRODTMANN, 2006, p. 104). Oliveira (2004) considera que pessoas com um SdC fortalecido terão melhores possibilidades de escolher por comportamentos e ter atitudes que promovam saúde.

A seguir refletiremos sobre possibilidades para o trato didático-pedagógico da saúde para a EF escolar a partir da salutogênese. Nesse sentido, vale ressaltar a pergunta de Brodtmann (2006, p. 108): “como nós podemos potencializar nossas crianças e jovens como seres humanos (e não enfatizar, sempre e apenas, o corpo físico)?”.

## **PALAVRAS FINAIS: POSSIBILIDADES DA SALUTOGENIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DIANTE DE APRENDIZADOS COM A PANDEMIA DA COVID-19**

Recuperar os textos já mencionados e refletir sobre a saúde na EF escolar em tempos pandêmicos nos permite observar com maior significância a necessidade dessa “virada de chave” da EF escolar para perspectivas mais ampliadas de conceber a saúde.

Compreendemos que esse movimento não se configura como algo fácil e simplista, tendo em vista o próprio processo histórico-social da EF

escolar brasileira e as contradições e desigualdades da sociedade brasileira em relação à educação e saúde. Entretanto, nossas reflexões propositivas se referem a pensar quanto à possibilidade de uma nova perspectiva que tenha como centralidade a ênfase em saberes e práticas que tenham a saúde como destaque.

O duro contexto da pandemia da COVID-19 tem evidenciado, cada vez mais, como somos desafiados constantemente a lidar com os elementos estressores (contaminações, internações, mortes, agravamento de problemas sociais, fenômenos intensos da natureza que seguem ocorrendo, dificuldades logísticas mundiais, fome, grave crise política decorrente de um governo de extrema-direita e a intensificação de outros problemas de saúde pública já enfrentados), o que exige de cada um de nós uma mobilização dos nossos recursos de resistência.

Mobilizar nosso SdC a partir da compreensibilidade, maleabilidade e significância seria um exercício que todos/as professores/as de EF deveriam realizar a fim de repensar as próprias formações quanto aos entendimentos do contínuo saúde-doença, com foco no primeiro, sem desprezar o segundo. O cuidado de si seria uma maneira interessante de fortalecer o próprio SdC. No cenário de pandemia, temos aprendido que gestos simples de “cuidar de si” repercutem diretamente no “cuidado do outro”, e isso envolve um contexto salutogênico de proteção social, embora numa dimensão mais micro. Reivindicar ações mais gerais de conscientização e de estrutura do campo da saúde impacta numa dimensão mais macro, seja em relação ao contexto municipal, estadual e mesmo federal.

Neste ensaio nossa compreensão se refere à EF escolar de forma geral, sem fragmentá-la de acordo com seus vários níveis (Educação Infantil, Fundamental – Anos iniciais e finais, ou Ensino Médio), porque, como veremos, não estamos propondo um receituário prático. Colocamo-nos como parte do trabalho desses autores e autoras brasileiros que vêm seguindo o proposto por Antonovsky para valorizar a produção (e valorização) da saúde em nossas práticas pedagógicas.

Também, acreditamos que atuar a partir de uma perspectiva salutogênica nas aulas de EF pode ser visualizada em qualquer tipo de escola,

seja pública ou particular. Obviamente que as condições materiais e estruturais são facilitadoras e são limitadoras, além daquilo que os projetos político-pedagógicos definem ao componente curricular EF e, também, as questões que se referem à dimensão da função do professor(a) de EF (seus aspectos formativos, sua percepção social, suas perspectivas etc.).

Não se trata de sugerirmos ou definirmos “como a salutogenia” aparece ou se materializa num plano de aula, porque essa questão deve ser considerada como básica e elementar dimensionando e direcionando as práticas pedagógicas (que na EF ocorrem via práticas corporais) a uma proposta que valorize os aspectos que deem centralidade à produção da saúde, sua manutenção e aos fatores que se colocam como protetivos à saúde – e não à doença! Isso envolve considerar aspectos comportamentais, físicos/orgânicos, teórico-conceituais, atitudinais e procedimentais/práticos.

Quando nos dedicamos a pensar sobre o contexto de intervenção da EF escolar ou outros que envolvem as práticas corporais, o modelo salutogênico sugere uma adaptação ativa, redução do risco e desenvolvimento de recursos (MEZZAROBBA, 2012). Isolar-se (e compreender a importância disso) é um elemento que se refere à redução do risco.

Podemos ampliar para pensar quais são esses recursos a serem desenvolvidos:

- Compreender sobre as características, possibilidades e limitações do seu próprio corpo e respeitar essa característica individual;
- Refletir e lidar quanto aos sentimentos negativos, principalmente em relação ao medo, à angústia, ou mesmo à solidão;
- Mobilizar recursos do campo artístico-cultural (música, cinema e literatura);
- Desenvolver atividades artesanais e manuais, dedicando-se a aprender algo que sempre esteve como projeto de vida ou complementar;
- Desenvolver práticas corporais (sozinho ou com familiares em casa) como a respiração, a meditação, os alongamentos; ou com materiais adaptados/improvisados; ou permitir-se à dança com ritmos das músicas preferidas;

- Respeitar a quantidade de sono que cada um sabe para si que restaura as energias corporais (e aqui não se trata de padronizar um número “x” de horas);
- Alimentar-se de forma equilibrada (e refletir sobre as desigualdades que não permitem aos outros o acesso à alimentação digna);
- Acionar contatos que trazem bem-estar quando as conversas irrompem para uma dimensão do prazer em estar com o outro, mesmo à distância;

Como vimos, o “fator imprevisibilidade” é um mecanismo relacionado à abordagem salutogênica. E isso evidencia a importância em cada um lidar com as situações das quais não fomos preparados e que, com as práticas corporais em contextos de coletividade, de conflitos (como no caso de jogos e atividades esportivas), de negociação (em brincadeiras, jogos etc.), de exposição das diferenças, aprendemos no próprio processo e “movimento” das coisas.

A salutogenia envolve os fatores de recuperação, manutenção e protetivos, ou seja, fatores que geram saúde! Ao enfocarmos a saúde (e não a doença/fatores de risco), passamos a potencializar a vida com atividades que nos envolvem enquanto materialidade corpórea. Dar sentido às nossas escolhas e práticas do cotidiano, procurar compreender as coisas para além do senso comum (com a pandemia temos enfrentado, cotidianamente, obstáculos que se referem a uma grande ignorância de uma parcela populacional) e permitir-se flexibilizar práticas, rotinas e desejos, são maneiras de enfrentar contextos adversos e seguir adiante com vida, despreocupando-se com as padronizações, com as métricas e com aquilo que anula as diferenças.

Se é a partir da infância e juventude que nosso SdC vai sendo produzido e consolidado, como professores de EF que atuam com esse público, precisamos garantir espaços de reflexão e diálogo que abordem os conteúdos a partir de uma educação para a saúde, valorizando as experiências corporais/motoras, mas também regionais/culturais, possibilitando que essas experiências sejam positivas a fim de impactar na autoestima e no fortalecimento do SdC. Assim, perguntamo-nos: como

nós professores e professoras de EF podemos ajudar a fortalecer o SdC de nossos alunos e alunas?

Taffarel (2010) considera que precisamos considerar que haja participação e inclusão em nossas ações docentes. Precisamos nos empenhar na elaboração de compromissos e resolução de problemas de forma cooperativa embasada no reconhecimento e na solidariedade. Nesse ensino, focaremos em análises críticas da nossa conjuntura social e poderemos elaborar teorias/práticas pedagógicas que superem o paradigma patogênico (TAFFAREL, 2010).

Kunz (2007, p. 182) também nos ajuda ao escrever que “[...] é preciso levar em consideração o conteúdo e a forma da organização e a oferta de movimentos às crianças e jovens pelos profissionais de nossa área”. Ainda segundo o autor, precisamos ofertar vivências que permitam a todos experimentarem o sentimento de êxito, realização e sucesso. O foco da EF passa do rendimento, performance e padronização para o desenvolvimento da autoestima, da integração social e do reconhecimento social, fatores que se reconhecem mais importante para a saúde em sua dimensão ampliada (KUNZ, 2007).

Em Kunz (2007) temos uma síntese de como tratar pedagogicamente o tema da saúde/salutogenia na EF escolar:

As aulas de EF devem ser mais do que prevenção ou terapêutica. Devem promover o prazer, o lúdico, o autoconhecimento, as boas experiências pessoais/coletivas que fortaleçam a autoestima e o sentimento positivo diante da vida.

- Os conceitos e práticas devem ser revistos em relação ao movimento humano, que não pode mais ser reduzido à dimensão biológica.
- Devem ser revisados os conceitos de escola, de metodologias pedagógicas, da função do professor e do rendimento escolar dos alunos, além de outros mais.

A salutogênese não traz uma “receita pronta”, mas aponta reflexões para tecermos nossa prática com um trato mais focado nas pessoas do que no gasto energético ou no movimento que essas produzem. Quando

focamos nas pessoas, pensamos nelas como seres integrais. Nesse sentido, uma possibilidade atual pode estar, também, nas Práticas Integrativas Complementares em Saúde (PICS) para o contexto da EF escolar.

Obviamente não as pensamos com o mesmo sentido prático em que elas ocorrem no Sistema Único de Saúde, mas enquanto conteúdo teórico-prático que permite ampliar as formas de compreender/praticar/refletir/dialogar corporalmente nas aulas de EF, com os pressupostos salutogênico. Isto é, como mecanismos que se dedicam a impulsionar a vida, o bem-estar, o prazer, a segurança, o contato, as boas experiências, as superações de desafios, sempre com o pensamento crítico e ampliado sobre as questões do contemporâneo que impactam no corpo, na saúde e na vida das pessoas.

Temos, então, com a perspectiva salutogênica, um novo rol de conhecimentos já elaborados e que precisam ser transmitidos, questionados, ampliados, reconfigurados e até mesmo sistematizados. Precisamos, agora, iniciar esse movimento em prol de uma EF que tenha sua centralidade na saúde e não mais na doença. Desafios são boas experiências que levam a bons sentimentos: a salutogenia impõe-se como uma possível virada às questões da saúde humana na EF escolar!

## REFERÊNCIAS

BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.). **A saúde em debate na Educação Física volume 1**. Blumenau/SC: Edibes, 2003.

BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.). **A saúde em debate na Educação Física volume 2**. Blumenau/SC: Nova Letra, 2006.

BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.). **A saúde em debate na Educação Física volume 3**. Ilhéus/BA: UESC, 2007.

BRACHT, V.; GONZÁLEZ, F. J. Educação Física escolar. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 241-247.

BRODTMANN, D. “O que mantém as crianças e os jovens mais saudáveis?” Novas maneiras de entender a saúde e suas consequências na promoção e

educação. In: KUNZ, E. (Org.). **Educação Física crítico-emancipatória: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2006. p.97-115.

CARVALHO, Y. M. **O 'mito' da atividade física e saúde**. 4ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

FRAGA, A. B.; WACHS, F. (Orgs.). **Educação Física e saúde coletiva: políticas de formação e perspectivas de intervenção**. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

GÓIS JÚNIOR, E. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 139-159, jan./mar. 2013.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 9-24, 2009.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 10-21, 2010.

KUNZ, E. “O Ministério da Saúde adverte: viver é prejudicial à saúde”. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. **A Saúde em debate na Educação Física vol. 3**. Ilhéus: Editus/Ministério do Esporte, 2007. p. 173-186.

MEZZAROBBA, C. Ampliando o olhar sobre saúde na Educação Física Escolar: críticas e possibilidades no diálogo com o tema do meio ambiente a partir da Saúde Coletiva. **Motrivivência**, Florianópolis, v. XXIV, p. 231-246, 2012.

MITTELMARK, M. B.; BAUER, G. F. The Meanings of Salutogenesis. In: MITTELMARK, M. B. *et al.* (Orgs.). **The Handbook of Salutogenesis**. Suíça: Springer, 2017, p. 7-14.

OLIVEIRA, A. A. B. O tema saúde na Educação Física Escolar: uma visão patogênica ou salutogênica? In: KUNZ, E.; HILDEBRANDT-STRAMANN, R. **Intercâmbios científicos internacionais em Educação Física e esportes**. Ijuí: Unijuí, 2004, p.241-260.

OLIVEIRA, V. J. M.; GOMES, I. M.; BRACHT, V. Educação para a saúde na educação física escolar: uma questão pedagógica! **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 68-79, set. 2014.

TAFFAREL, C. Z. Sobre o sistema de complexos homem-esporte-saúde: reflexões a partir de contribuições da Alemanha. In: MATIELLO JÚNIOR, E.; CAPELA, P.; BREILH, J. (Orgs). **Ensaio alternativo latino-americanos de Educação Física, esportes e saúde**. Florianópolis: Copiart, 2010, p. 159-183.

VINJE, H. F.; LANGELAND, E.; BULL, T. Aaron Antonovsky's Development of Salutogenesis, 1979 to 1994. In: MITTELMARK, M. B. *et al.* (Orgs.). **The Handbook of Salutogenesis**. Suíça: Springer, 2017, p. 7-14.

Recebido: 30 maio 2021

Aprovado: 20 julho 2021

Endereço eletrônico:

Victor José Machado de Oliveira

oliveiravjm@ufam.edu.br